

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Aldrey Caroline Riechel dos Santos

**Uma mensagem nos meios: Análise do 8 de Janeiro em
diferente plataformas**

São Paulo
2024
Universidade de São Paulo

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Uma mensagem nos meios: Análise do 8 de Janeiro em diferentes plataformas

Aldrey Caroline Riechel dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Mídia, Informação e Cultura.

São Paulo
2024
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS:

Esse trabalho não seria possível sem o apoio das pessoas que estiveram ao meu lado durante todo o percurso de aprendizagem, pesquisa e escrita. Agradeço aos professores que pacientemente me carregaram até o final dessa jornada e suas contribuições, que estão, espero, espalhadas ao longo do texto. Agradeço especialmente ao professor Dennis de Oliveira por sua calma e orientações que de forma simples, ajudaram a organizar todo o caos de informação e simplificar o que para mim parecia impossível. Agradeço também pelas colegas de sala que me ensinaram quase tanto quanto os professores, em especial Anita Ayres, Carol Valeriano e Laura Abreu.

Thaís Kruse é minha amiga genial, que sempre está meu ao lado na jornada acadêmica (e pessoal). Nossos debates contribuíram para direcionar esse artigo e suas conclusões. Agradeço ao Murillo Severino que soube quando estar perto e quando se afastar me apoiando para que eu pudesse estudar. E por fim sou grata a minha família que não me deu um minuto de paz. E que, espero, nunca deem. Cada passo é por vocês.

Uma mensagem nos meios: Análise do 8 de janeiro em diferentes plataformas¹

Autora do Artigo: Aldrey Caroline Riechel dos Santos²

Resumo: O artigo analisa publicações jornalísticas em redes sociais, portais e programas de televisão produzidos pelo grupo Globo, que cobriram a invasão ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e ao Supremo Tribunal Federal, realizada por grupos bolsonaristas em 8 de janeiro de 2023. O objetivo é compreender como os conteúdos são adaptados em diferentes meios e discutir os impactos dessas adaptações nas mensagens transmitidas. Para isso, os conteúdos serão analisados com base nas teorias de Marshall McLuhan e Walter Benjamin, buscando explorar as mensagens resultantes dos próprios meios de comunicação e compreender a interação entre a comunicação contemporânea, a sociedade e a cultura.

Palavras-chaves: Meios de Comunicação; Redes Sociais; Walter Benjamin; Marshall McLuhan; Jornalismo

Summary: The article analyzes journalistic publications on social media, online platforms, and television programs produced by the Globo group, which covered the invasion of the National Congress, the Presidential Palace, and the Supreme Federal Court, carried out by Bolsonaroist groups on January 8, 2023. The objective is to understand how the content is adapted across different media and to discuss the impacts of these adaptations on the messages transmitted. To this end, the content will be analyzed based on the theories of Marshall McLuhan and Walter Benjamin, aiming to explore the messages resulting from the media itself and to understand the interaction between contemporary communication, society, and culture.

Keywords: Media; Social Networks; Walter Benjamin; Marshall McLuhan; Journalism

Resumen: El artículo analiza publicaciones periodísticas en redes sociales, portales y programas de televisión producidos por el grupo Globo, que cubrieron la invasión al Congreso Nacional, al Palacio del Planalto y a la Corte Suprema, realizada por grupos bolsonaristas el 8 de enero de 2023. El objetivo es comprender cómo los contenidos se adaptan en diferentes medios y discutir los impactos de estas adaptaciones en los mensajes transmitidos. Para ello, los contenidos serán analizados a partir de las teorías de Marshall McLuhan y Walter Benjamin, buscando explorar los mensajes resultantes de los propios medios de comunicación y comprender la interacción entre la comunicación contemporánea, la sociedad y la cultura.

Palabras clave: Medios de comunicación; Redes sociales; Walter Benjamin; Marshall McLuhan; Periodismo

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC)

INTRODUÇÃO

No domingo à tarde do dia 8 de janeiro, o vilão Thanos, do filme “Os Vingadores”, aparece na tela da TV Globo encarando a câmera enquanto tenta juntar as Joias do Infinito e assim, dizimar metade da população do universo. Ele é subitamente interrompido pela logo da emissora que sobe na tela sem qualquer vinheta de fundo, dando entrada para a jornalista Poliana Abritta, que se preparava para apresentar o periódico semanal de domingo, que diz: “Boa tarde, você vai ver logo mais no Fantástico, o vandalismo em Brasília. Apoiadores radicais do ex-presidente, Jair Bolsonaro, com intenções golpistas invadiram a sede dos três poderes, Congresso Nacional, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal”.

“Ataques golpistas”, “Intentona Bolsonaristas” ou “8 de Janeiro” são alguns dos nomes que tentam ilustrar o dia em que uma multidão de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiu e depredou os prédios dos três poderes em Brasília, em 2023. Depois de meses ocupando frente de quartéis, cantando hinos nacionais e pedindo intervenção militar, um grupo de pessoas que se recusava a aceitar a vitória democrática do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições de 2022, foi até Brasília, em ônibus financiados para uma marcha onde acreditavam que poderiam reverter o resultado das urnas.

A tentativa de golpe, que já circulava em imagens nas redes sociais, não ganhou um plantão clássico da emissora, mas teve cobertura imediata nos rádios, nos jornais e nas redes sociais. Toda a imprensa brasileira parou para acompanhar o caso, e, posteriormente, a internacional. A Globo até tentou voltar a transmitir o filme, mas por fim transferiu para o canal aberto o sinal do seu canal de notícias, GloboNews, algo sem precedentes na história da emissora.

A marcha dos bolsonaristas teve início às 13 horas, quando o jornalismo da Rede Globo ainda estava em plantão pela morte do ex-jogador de futebol Roberto Dinamite, de 68 anos. Às 15 horas, a barreira policial em Brasília, foi rompida e começaram as invasões e foi quando a jornalista Poliana Abritta, começou a noticiar os fatos no intervalo do filme exibido na grade do “Campeões de Bilheteria”. Em seguida, o sinal da Globonews passou a ocupar a televisão aberta e, depois, o evento recebeu grande cobertura no Fantástico. O plantão da Globo voltou no dia seguinte,

quando o governador do Distrito Federal interrompeu o filme Gremlins, anunciando que o Governo Lula havia exonerado o comandante do Exército Brasileiro, Julio César de Arruda. E por fim, outro plantão foi exibido à 0h32 com a informação do afastamento do governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, do cargo por 90 dias.

Apesar dos clássicos plantões da emissora, a cobertura foi multiplataforma, estratégia comum na contemporaneidade, já que cada vez a audiência está espalhada em diferentes meios. Tendo sido acompanhada pelas redes sociais, rádio, portais digitais e mesmo no jornal físico, no dia seguinte. A televisão, apesar de ser ainda predominante e presente em 94,4% dos lares brasileiros segundo dados do IBGE de 2022, vem disputando espaços com os aparelhos celulares, que permitem acessos a diferentes plataformas, principalmente as redes sociais. O Brasil tem em média 2,2 aparelhos por habitante³ e tem sido justamente por esses aparelhos que as pessoas se informam predominantemente.

E não servem apenas para entretenimento, uma vez que muitos desses aparelhos estão sendo usados para ler notícias⁴. Mas o jornalismo tradicional encontra barreiras para desempenhar sua função nesses ambientes, bem como em manter a estabilidade financeira necessária para o exercício da função. Adaptar um conteúdo de uma matéria ou reportagem para plataformas digitais significa ajustá-lo para caber nas regras específicas de utilização determinadas por grandes empresas de tecnologias que utilizam de seus algoritmos para alavancar ou inibir o alcance de qualquer conteúdo.

Esse ambiente é especialmente hostil nas redes sociais. Para ilustrar o caso, o jornal Folha de São Paulo, em 8 de fevereiro de 2018⁵, decidiu excluir o seu perfil do Facebook. Isso porque a empresa, que hoje se chama Meta, anunciou que seus algoritmos iriam privilegiar conteúdos de informação pessoal em detrimento dos profissionais. O jornal possuía 5,95 milhões de seguidores no Facebook e outros 2,2

³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/06/27/celulares-tablets-e-computadores-pais-registra-mais-de-2-dispositivos-digitais-por-habitante.htm>. Acessado em 8 de agosto de 2024.

⁴ Pesquisa do Reuters Instituto aponta que 79% das pessoas entrevistadas usam a internet para se informar no Brasil, e entre os entrevistados 57% o fazem pelas mídias sociais. A TV aparece na reposta de 51% e o impresso em 12%.

⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. 2018. Folha deixa de publicar conteúdo no Facebook. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml>. Acessado em 23/10/2022. Acessado em 8 de agosto de 2024.

milhões em outros perfis de editorias. A situação mudou após o escândalo da *Cambridge Analytics*, que revelou que o Facebook usou informações pessoais dos usuários sem consentimento para influenciar as eleições americanas de 2016, a ferramenta também passou a permitir o uso de *paywall*, uma restrição onde o usuário precisa pagar para acessar o conteúdo, dentro do recém-lançado Instant Articles. Dessa forma, em julho de 2021, a Folha de São Paulo voltou a ter um perfil.

Apesar da mudança, um post jornalístico, um post humorístico, uma informação falsa, a foto de uma refeição ou de um gatinho, são vistos pelas plataformas como sendo a mesma coisa: um post. E para os produtos jornalísticos, há dúvidas sobre o impacto do que é realmente transmitido nessa guerra por atenção. Há ainda as próprias regras de “conteúdo” das plataformas, que estabelecem limites de caracteres ou de imagens, por exemplo, obrigando a notícia, em seu formato original, a ser recortada e fragmentada para se adequar ao algoritmo que, por sua vez, influencia a entrega, a leitura e percepção a respeito dos fatos. O teórico e filósofo, Marshall McLuhan (1964) defendia que “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo” (1964, p. 10) e, assim, determina uma mudança cultural que precisa ser compreendida para que os impactos não sejam aceitos de forma passiva. Dessa forma, cabe aos interessados e a sociedade em geral refletir sobre as mudanças geradas por essa tecnologia e qual ambiente está sendo criado.

Uma das disputas, que o novo ambiente digital criou foi a disputa pelos domínios. Não apenas dos que se referem ao nome do site, as buscas de garantir um endereço digital adequado, mas também do espaço que agrupará as informações onde o usuário irá acessar. O jornalismo digital encontrou um ambiente propício nos sites e portais quando começaram a reproduzir as notícias impressas para versões digitais. Hoje, 20% dos brasileiros pagam para acessar notícias no ambiente virtual, mas esse número tende a reduzir, uma vez que os portais estão sendo substituídos gradualmente pelo uso de plataformas e o hábito de ler notícias em portais está mudando com a novas gerações que têm preferido acessá-las em redes sociais. Isso modifica a relação de domínio entre o produtor do conteúdo e o que o distribui, além de centralizar qualquer ganho financeiro na mão das detentoras das plataformas de mídias sociais.

Na internet, há ainda uma cultura do meme, que incentiva o compartilhamento incessante de conteúdos e de paródias típicas de uma “cultura digital” dificultando definições de propriedade intelectual e restrições de acesso. Um exemplo são os diversos sites que burlam *paywalls* que podem ser facilmente encontrados em uma busca. Walter Benjamin (1975), quando falava da era da reprodução, da cópia e da replicabilidade, nem podia imaginar o que seria a era da reprodução com a internet. O autor, assim como McLuhan, também faz reflexões para tentar compreender o impacto na cultural e na sociedade e cita que “multiplicando as cópias, elas transformam o evento produzido apenas uma vez num fenômeno de massas. Permitindo ao objeto reproduzido oferecer-se à visão e à audição, sem quaisquer circunstâncias, (que) conferem-lhe atualidade permanente” (1975, p. 14).

Para McLuhan, novos meios aceleram processos que já existem, “pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas.” (p. 22). Em termos de comunicação, onde dar a “exclusiva” pertencia ao jargão jornalística, hoje qualquer perfil consegue reportar um fato de forma mais veloz e, por vezes, com mais alcance. A cobertura do 8 de janeiro foi impactada pela rapidez das redes sociais, fazendo com que até mesmo o plantão de urgência da Rede Globo ficasse atrasado uma vez que os usuários e as redes já compartilhavam os fatos e informações, as vezes, diretamente da própria invasão.

Este artigo, portanto, analisa como o jornalismo do Grupo Globo fez a cobertura dos atos de invasão em Brasília e suas repercussões iniciais. Tem como foco as postagens nas redes sociais, uma vez que estas se tornaram uma força dominante, reorganizando o consumo de informação e interações sociais em torno de plataformas digitais, principalmente o Instagram, uma vez que o Twitter/X⁶, durante o processo de finalização deste artigo, foi suspenso no Brasil, tendo o seu acesso proibido aos usuários, após o empresário responsável, Elon Musk, não seguir a ordem dada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, que determinava a apresentação de um representante oficial no país. Mesmo tendo sido retomada, a rede voltou enfraquecida, tendo sido drasticamente afetada.

⁶ Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/31/rede-social-x-suspensa-no-brasil.ghtml>. Acesso em 04 de novembro de 2024.

Diante da relevância do tema objeto de estudo e da grandiosidade da cobertura serão analisados os materiais de três dias da intentona Bolsonarista: o dia 8 de janeiro, quando aconteceu o fato, dia 9 de janeiro, segunda-feira posterior ao fato e terça-feira, dia 10, analisando as repercussões iniciais. O objetivo da limitação dos três dias é evitar uma quantidade de material que inviabilize a pesquisa, assim como evitar que as inserções de comunicações partidárias e conspiratórias que buscavam ofuscar a disputar a narrativa.

E por fim, o grupo Globo foi escolhido pela variedade de meios que utiliza, oferecendo um amplo material para análise, agrupando uma programas jornalístico, em suas versões digitais e físicas dos jornais, além de uma versão especialmente para a internet, o G1.

Problematização e marcos teóricos

Apesar do que pode parecer, ao afirmar que o meio é a mensagem, McLuhan não está teorizando a respeito de alterações no significado ou dos impactos na interpretação do conteúdo, mas sim que um meio modifica todos os aspectos da vida, modificando a velocidade, a economia, o comportamento e a cultura como um todo. “Toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. Os ambientes não são envoltórios passivos, mas processos ativos”, diz o teórico. (1964, p. 10).

Ele teoriza que novas tecnologias, alteram a “escala, cadência e padrão” (p. 22), usando como exemplo uma estrada de ferro, que permite um deslocamento mais rápido afetando as cidades, os mercados, o trabalho e o entorno. Mas nenhum impacto é tão citado em sua obra quanto a eletricidade que “viria a causar a maior das revoluções, ao liquidar a sequência e tornar as coisas simultâneas” (p. 26). Para esse autor anterior à invenção da internet, a energia já seria o suficiente para adentrarmos o mundo das coisas simultâneas, alterando a forma como pensamos, fazendo o pensamento sequencial ser substituído por uma lógica de estruturação de configuração.

Walter Benjamin (1975), também escreveu sobre a aceleração, discutindo como os saltos tecnológicos afetaram o mundo da arte, fazendo o original e único perde espaço para as cópias e reproduções. Segundo ele, as técnicas de reprodução atingiram tal nível, que não apenas ficaram em condições de “modificar de modo bem

profundo os seus meios de influência, mas de elas próprias se impõem, como formas originas de arte”. (1975. p. 12)

Para além das técnicas de reprodução ou discussão sobre originalidade, o trabalho de Benjamin buscava “analisar como a reprodução técnica incide na forma como o ser humano percebe a realidade. Como a relação humana com a tecnologia afeta diretamente a maneira de pensar o mundo e a si mesmo”. (PEIXOTO, 2016, p. 99), principalmente com a chegada de novos meios, como a imprensa, a fotografia e o cinema que deram escala e velocidade às mudanças.

Benjamin usa o termo “aura” para falar da autenticidade e unicidade, sendo ela “a única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que esteja” (1975, p. 15). Um exemplo, citado pelo autor, é a paisagem de um horizonte de uma montanha ou a sombra que um determinado galho faz e nos possibilita entrar em estado contemplativo. Para ser autêntico, um dos aspectos é o seu momento histórico, sua unicidade.

No ambiente digital, a unicidade é desestimulada, a reprodução e o compartilhamento é o desejada, de preferência até que se vire “meme”, termo cunhado por Richard Dawkins (1978) que incorporado ao ambiente digital e “podem ser frases, vídeos, desenhos ou expressões, geralmente criados por usuários comuns e que são transmitidos de forma epidêmica”. (FONTANELLA apud CERQUEIRA et al., 2009, p. 1-2).

O estímulo e facilidade das “cópias” e “reproduções” permitiram um avanço nas intenções mercadológicas das obras de arte e possibilitaram o nascimento de uma indústria. Theodor W. Adorno, foi um dos críticos desse movimento que transformou a arte em negócio. “O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida a necessidade social de seus produtos”. (2023, p. 8). Nesse caso, a arte existe porque dá lucro e não mais precisa ser apoiar na unicidade, no que é belo, divino ou como forma de expressão máxima do ser humano.

Esse caminho adotado para a propagação e produção dos conteúdos fez com que as artes e as comunicações convergissem. Lucia Santaella, porém, ressalta que “convergir” não significa que se identificam um com o outro, mas que ocupam territórios comuns (2005, p. 7). Ela explica que a Revolução Industrial, o desenvolvimento do sistema capitalista e o surgimento de uma cultura urbana e de

uma sociedade do consumo impactou especialmente as artes, que passaram a ocupar os meios de comunicação gerando “meios de massa” e a “cultura de massa”, ou seja, “sistemas industriais de comunicação, sistemas de geração de produtos simbólicos, fortemente dominados pela proliferação de imagens”, além disso, podem ser produzidos por grupos relativamente pequenos, mas consumidos por uma massa de pessoas (2005, p. 6).

O encontro se dá justamente no “uso de máquinas”, como equipamentos de gravação, fotografias, impressoras, computadores etc., que barateiam a produção e facilitam a disseminação seriada. Assim como os outros autores, Santaella reforça que a inserção de novos meios significa “alterar as interações sociais e a estrutura social” (2005, p. 10).

Como forma de ilustrar as alterações sociais e estruturais, podemos citar Thompson e sua “teoria interacional” (THOMPSON, 2008, p. 17), que analisa as formas de relações e interações dos meios de comunicação. “Usando as mídias comunicacionais “novas” formas de agir e interagir são criadas considerando-se suas propriedades distintivas específicas” (p.17). Thompson desenvolve o conceito de “visibilidade mediada”, que chegou com o advento dos meios de comunicação e “se tornou o fundamento pelo qual as lutas sociais e políticas são articuladas e se desenrolam” (p. 37).

Em sua teoria, usando o exemplo da corrida eleitoral, ele demonstra que ao se aproximar, ou dar a sensação de proximidade com os eleitores, o debate político passou a ser mais a respeito da moral e menos sobre propostas políticas em si. Conversas que antes eram privadas, agora podem ser “pinçadas e gravadas disfarçadamente, e na sequência, disponibilizadas para milhares ou milhões de pessoas através da mídia” (THOMPSON, 2008, p. 31), juntando isso com as mudanças no próprio jornalismo, com o advento de denúncias e do jornalismo investigativo, nos anos 60 e 70, e a mudança social que diluiu as classes sindicais com o declínio das indústrias tradicionais, como de carvão e aço, que enfraqueceram a luta partidária, criou-se um cenário “de um declínio gradual da “política ideológica” e o aumento da importância das “políticas de confiança” (p. 33).

No exemplo, Thompson não diz que apenas a tecnologia é responsável pelas mudanças de comportamento e na política, colocando dentro de um contexto mais

abrangente, mas dá um exemplo muito bem elaborado de como o meio pode ser a mensagem.

Há um conceito ainda de McLuhan sobre os meios terem a capacidade de “restaurar os padrões tribais” ou de destribilizar uma sociedade. Para discutir melhor, ele criou os conceitos de “meios frios” e “meios quentes”, onde resumidamente a “a forma quente exclui e a forma fria inclui” (p. 39).

Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição. (MCLUHAN, 1964, p. 38)

Por alta definição se entende a participação dos sentidos, quanto mais um meio “preenche” os sentidos, mas ele é considerado quente. Uma fotografia tem mais informações do que uma caricatura, por exemplo. Além disso, meios quentes permitem menos participação do que um frio.

Não é definitivo que um meio é catalogado como frio ou quente. As variações podem mudar ao longo da história, como a roda, que já foi um meio quente e depois esfriou. Os meios podem também ser superaquecidos, causando, segundo o autor, importantes impactos sociais. “O aquecimento do meio da escrita pela intensificação da imprensa repetitiva conduziu ao nacionalismo e às guerras religiosas do século XVI” (p. 39).

Por mais determinista que o seu texto possa ser, o objetivo de McLuhan era chamar atenção aos impactos dessas mudanças na sociedade. Uma vez que, “a aceitação dócil e subliminar do impacto causado pelos meios transformou-os em prisões sem muros para seus usuários” (p. 36). Todos os autores citados reforçam a importância da compreensão das ferramentas, tecnologias e meios para compreender as mudanças na sociedade. No caso do jornalismo, é importante entender o alcance da mensagem uma vez que exercer sua função social, em defesa da democracia, pode sofrer impactos.

Coleta de Materiais e Metodologia

Foram selecionados os perfis jornalísticos do Grupo Globo, independentemente de serem programas específicos da grade da televisão aberta, como Fantástico, Jornal Hoje e Jornal Nacional ou jornais como O Globo, CBN, Valor Econômico e Jornal Extra. O perfil do Instagram do G1 também foi analisado, mas o site não apresenta um sistema de busca por data, inviabilizando uma análise. O Jornal Nacional, programa da televisão, dos dias selecionados também foi incorporado. No domingo, o jornal não foi ao ar, sendo substituído pelo Fantástico que foi também analisado.

No caso de perfis do Instagram, devido ao excesso de contas alguns foram excluídos da pesquisa por não acrescentarem relevância com o tema da pesquisa. Mesmo entre as contas de jornalismo, foi preciso realizar nova delimitação para excluir o perfil de jornalismo esportivo, jornalismo rural, entre outros, embora tenham sido visitados a título de curiosidade. Foram coletadas as descrições das postagens, miniatura de algumas imagens ou print de vídeos, além do número de curtidas para cada postagem. Por causa da extensão dos dados, eles são disponibilizados publicamente via Google Drive⁷. As análises sobre o X/Twitter foram descartadas uma vez que a rede deixou de funcionar no Brasil.

Perfis sem postagens ou sem relevância para a pesquisa como o *somosglobo* (sem postagens), *globoads* (não fez postagem no período principal sobre o tema) *globoruraltv* (perfil verificado, mas surgiu só em outubro de 2023), *globolivros*, (verificado, mas sem conteúdo relevante para o tema e apenas duas postagens sobre livros no período) e *ge.globo* não foram incluídos. O perfil *Globo Repórter* só tem posts dia 6 de janeiro e 13 de janeiro, não atendendo o período da pesquisa. O perfil *globofilmes* tem duas publicações na data de pesquisas, mas são teasers de produção da Globo (*Bem-vinda a Quixeramobim* e *Andança*) e o perfil *elaoglobo* não fez publicações sobre o tema na data pesquisada. Os perfis de entretenimento foram visitados para avaliar se deveriam fazer parte da pesquisa. Com as análises ficou evidente que focar nos produtos jornalísticos seria mais rico.

⁷ Todos os documentos estão disponíveis em: <https://bit.ly/ColetadeDadosArtigo>

Apresentação e análise dos resultados

Benjamin cita a mediação feita pela “máquina” quando fala das diferenças que o cinema impõe em comparação com o teatro e que nesse caso, o ator, corre o risco de transformar a si mesmo em objeto de cena. No cinema, o ator “não vende apenas a sua força de trabalho, mas também a sua pele e seus cabelos, seu coração e seus rins, quando encerra um determinado trabalho ele fica nas mesmas condições de qualquer produto fabricado”. (1975, p. 23), construindo, por meio de edições, direção de cena, maquiagem a “personalidade do ator”, facilitando a criação de um “culto do astro” (p. 24) que favorece ao capitalismo dos produtores.

Da mesma forma, os celulares e computadores afetaram a forma como um conteúdo é produzido. Em uma mídia social, uma fotografia no Instagram é produto de uma seleção dentre tantas outras armazenadas no aparelho que selecionada e editada vira um post. A imagem selecionada será a que mais aparentar agradar o algoritmo, que determinam o que é adequado ou não para a audiência. Dessa forma, todo conteúdo busca se otimizar ao máximo para agradar e alcançar os números.

E a disputa por atenção é acirrada. O Jornal Nacional, principal programa televisivo de jornalismo no Brasil que nos seus melhores dias, durante a cobertura da tragédia climática no Rio Grande do Sul, conseguiu atingir mais de 66 milhões de brasileiros⁸, não conseguiu alcançar 250 mil curtidas somando todos os posts em fotos e vídeos no Instagram durante os dias monitorados nesta pesquisa. Alguns posts, não chegaram nem a mil curtidas.

Está claro que o número de “audiência” e “alcance” devem ser bem maiores, no entanto esses dados só estão disponíveis para quem gerencia o perfil na rede citada e são ainda estimados pela própria empresa Meta, que apresenta resultados a depender de ter ou não investimento de “impulsionamento” para que a mensagem seja propaganda. Dessa forma, o botão “curtir” cumpre a função de demonstrar relevância do conteúdo aos outros usuários, tendo seu número disponibilizado para todos.

Como parte da estratégia comum das redes sociais, a emissora agrupa uma série de perfis para suas marcas, produtos e programas. Essa estratégia não é

⁸ Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/05/15/globo-cobertura-de-enchentes-no-rs-faz-audiencia-nacional-crescer.htm>. Acessado em 23 de agosto de 2024

uma exclusividade da empresa Globo. Existem hoje mais 113,5 milhões de contas no Instagram, sendo possível que uma pessoa gerencie até 5 contas ao mesmo tempo, usando o aplicativo. Cada pessoa pode seguir até 7.500 contas, limite esse, segundo o Instagram, adotado como medida para “reduzir spam”⁹.

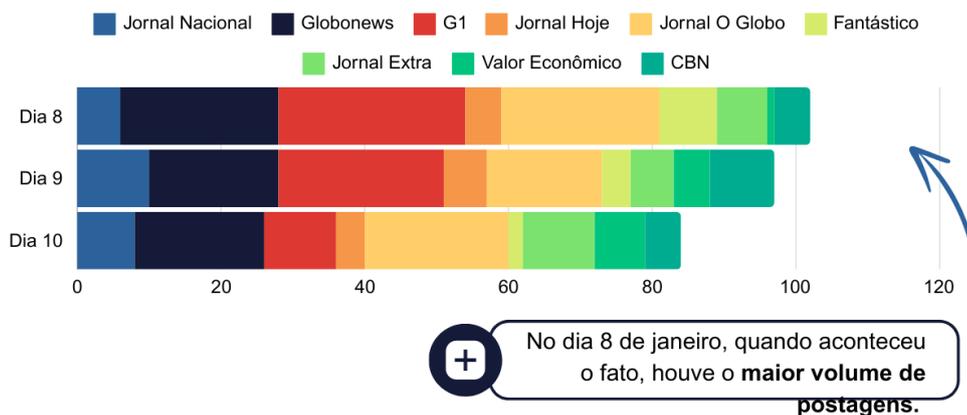
No dia 8 de janeiro, somando todos os posts, relacionados ao tema ou não, foram 101 postagens. Um barulho muito pequeno diante da média de fotos e vídeos que são compartilhados no Instagram: 60 milhões por dia em todo o mundo. Isso significa, que o número de postagens não representa nem mesmo 1%. A relevância do tema determinou que no dia 8 de janeiro, quando aconteceram os atos de invasão e destruição em Brasília, centralizasse as pautas, mas no dia 9 as repercussões já voltaram a dividir atenção com outras pautas e tópicos.

⁹ Disponível em https://help.instagram.com/408167069251249?locale=pt_BR. Acessado em 20 de agosto de 2024.

Imagem 1 – Infográfico: Número de postagens¹⁰



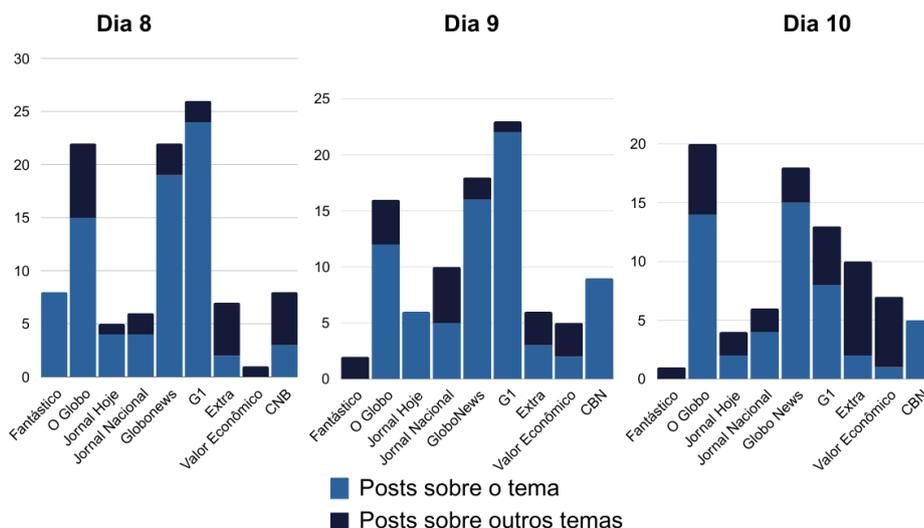
Número de postagens dos perfis nos dias 8, 9 e 10 no Instagram



60 milhões

fotos são postadas a cada dia no Instagram. Somando o volume de postagens de TODAS as contas pesquisadas, no dia com o maior número (101 no total) representaria:

0.00016833333333333333%



¹⁰ O dado de número de postagem é do Mlabs, empresa especializada em redes sociais. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/instagram#:~:text=Ele%20C3%A9%20um%20gigante%20no,maior%20que%20de%20outras%20plataformas>. Acessado em: 1 de setembro de 2024

O interesse social nos atos justifica que o tema tenha sido o centro das atenções no dia 8 e assumido grande parte nos outros dois dias, mas cabe destacar o esforço de jornais que com editoriais mais variadas, como o Extra, na tentativa de participar do debate público e engajar sua audiência, publicando no dia 10 de janeiro de 2023, uma imagem que citava a participação de subcelebridade nos atos. O jornal Valor Econômico, que costuma focar em postagens econômicas ou divulgar um espaço de publicidade, também alterou a rotina para produzir um conteúdo a respeito dos atos.

Imagem 2 e 3 – Prints de postagens no Instagram, na imagem 2 postagens do Jornal Extra e na Imagem 3, Valor Econômico.¹¹



Em sua classificação sobre meios frios e quentes, McLuhan diz que o meio quente oferece menos oportunidade de participação, interação e reflexão. Nesse caso, das mídias sociais, apesar da aparente participação por meio da criação de conteúdos, likes e comentários, a rede pode ainda ser classificada como um meio quente, já que estabelece uma “saturação de dados” e cria “fragmentações”, ou bolhas como são chamadas atualmente, e a alta intensidade tende a gerar “especialização” com perfis influencers e micro influencers. Para o autor, apenas meios frios permitiriam a assimilação.

Ocorre nas redes sociais novos fenômenos que fazem surgir uma nova gramática com termos como fakenews¹², pós-verdade e pós-realidade. Guarda,

¹¹ Post do Jornal Extra disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnPJ8GVI7nP/>. Post do Jornal Valor Econômico disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnM1c58vHAY/>

¹² Como fakenews já ganhou definição em dicionários, será utilizada a definição do dicionário britânico: “fake news, *noun*: false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting”.

Ohlson e Romanini (2018) descrevem que estes novos fenômenos são motivados por “um fenômeno abordado na literatura psicanalítica, o 'viés de confirmação', isto é, a tendência de avaliar seletivamente as informações. Isso significa que apenas as evidências que sustentam uma crença e hipótese inicial são aceitas, que gera “representação distópica da realidade”¹³. (2018, p. 186). Esse ambiente cria bolhas de conteúdos, onde pessoas passam a cada vez mais a circularem pelos mesmos espaços, mesmos perfis e interagem entre eles.

Dessa forma, as postagens criam ao invés de interações, repetições e ruídos que pouco acrescentam ao debate público. McLuhan é visto como o teórico que “previu a internet” principalmente pela afirmação de que “eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila” (1964, p. 19). É relevante pensar que esse ambiente tem criado uma desconexão com a realidade e doenças geradas pelos excessos de informações, uma vez que para McLuhan, a tecnologia elétrica permitiria idealizar a projeção do nosso sistema nervoso central, mas com certeza, não em um “abraço global, abolindo tempo e espaço”, como ele acreditava.

A Lógica de Configuração

Quando fala sobre mudança de escala e velocidade das novas tecnologias, McLuhan afirma que chegaríamos a um ponto onde a sequência acabaria adentrarmos no mundo das coisas simultâneas, onde a nossa forma de pensamento sequencial é substituída por uma lógica de estruturação de configuração.

Dessa forma, a enfoque nas redes sociais, se dá porque nesse ambiente a informação circula de maneira diferente. Enquanto mesmo em um site, o jornalismo consegue manter sua estrutura “narrativa”, de contar os fatos, em uma rede social tudo se fragmenta adotando uma estrutura de Banco de Dados, como cita Manovich (2015). Para o autor, o “na ciência computacional, banco de dados é definido como uma coleção estruturada de dados.” (p. 8), que facilita a busca e organização das informações em uma coleção. E no ambiente das mídias digitais, o banco de dados assume uma “forma cultural própria”.

¹³ Do original: “as the by-product of a phenomenon addressed in psychoanalytic literatura, the ‘confirmation bias’, that is, the tendency to selectively assess information. this means that only evidence that supports and initial belief and hypothesis is accepted”

“Podemos até chamar o banco de dados de uma nova forma simbólica da era do computador - ou como o filósofo Jean-François Lyotard chamou em seu famoso livro de 1979, A condição Pós-Moderna, de “sociedade computadorizada” (Lyotard, 1984, p. 3), uma nova maneira de estruturar nossas experiências de nós mesmos e do mundo. De fato, se depois da morte de Deus (Nietzsche), do fim das grandes Narrativas do Iluminismo (Lyotard) e da chegada da Web (Tim Berners-Lee), o mundo nos aparece como uma infinita e desestruturada coleção de imagens, textos e outros arquivos de dados, é apropriado que sejamos movidos a modelá-lo como um banco de dados.”. (p. 8)

Manovich lembra que alguns gêneros tradicionais se adequaram ao gênero digital. Um álbum de fotografia, por exemplo, é similar a uma pasta de fotografias. Websites, nessa lógica, podem ser considerados uma coleção específica, com imagens, links e textos. Dessa forma, poderia se pensar que um portal de notícias, carrega ainda muitos elementos do próprio jornal físico, separado em categorias (de links ou editorias), imagens e textos. O website, no entanto, apresenta a possibilidade de recursos audiovisuais e volume muito maior de informações, além das opções de caixas de comentários, que tão rápido como surgiram como opção de interatividade, foram reduzidas ou eliminadas.

O volume sempre crescente, segundo Manovich, “contribui para a lógica antinarrativa da web” (p. 9), uma vez que a adição de novos elementos resulta em uma coleção e não uma história. Mas a grande diferença de um website para uma rede social é quem adiciona os novos dados ou ainda, quem determina a hierarquia dos conteúdos. Um perfil de rede social tem poder sobre seu “perfil” apenas e, ainda assim, pode ser interrompida por propagandas que tentam sequestrar a audiência para diferentes conteúdos. Motivados pela diversidade a quantidade, dificilmente um usuário abrirá o aplicativo para buscar apenas o conteúdo de um jornal ou veículo específico como era feito nos websites de notícias ou mesmo nos jornais impressos.

Um banco de dados “representa o mundo como uma lista de itens e recusa-se a ordenar esta lista” (MANOVICH, 2015, pg. 13), pode ser considerado, inclusive, um “inimigo mortal” da narrativa. O que coloca o jornalismo em dificuldades, uma vez que se apoia em uma construção estruturada, linear e contextualizada de informações para apresentar os fatos. Carlos Chaparro (s.d.) cita a “estratégia interlocutória: para

o relato dos acontecimentos, a narração é mais eficaz. Ao relatar-se, conta-se uma história, com suas complicações e seus sucessos” (p. 17-18).

Para contar a história do ocorrido no dia 8 de janeiro e suas repercussões nos dois dias posteriores, a matéria jornalística produzida pelos jornalistas do Fantástico e GloboNews, que estavam de plantão, foram os principais recursos do canal televisivo da rede Globo. Posteriormente, para simplificar, o canal da GloboNews passou para a televisão aberta, contando e narrando os acontecimentos conforme iam acontecendo, dando novas perspectivas e elementos. Nas redes sociais, por outro lado, cada matéria jornalística se fragmenta, e partes do todo são distribuídas pelos diferentes canais. A linha fina, ou lead vira legenda do Instagram e Facebook, o vídeo reduzido para caber em uma “linha do tempo”, que neste caso, não é funciona de forma temporal linear, uma vez que as postagens são apresentadas aos usuários por relevância. A matéria completa é disponibilizada como texto, que por sua vez também é o roteiro do programa televisivo. A notícia então, se fragmenta para caber nas plataformas.

McLuhan defende o que está “dentro” de um meio é quase sempre outro meio, como “o conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo” (1964, p. 22). Nos conteúdos analisados, as informações de um conteúdo eram rapidamente replicadas em outros, com vídeos nas redes sociais ilustrando as matérias televisivas, as coletivas de imprensa, abastecendo os programas de rádio, e por sua vez restabelecendo as redes sociais. Os textos das matérias foram publicados em formato de texto nas páginas de notícias, tanto do jornal específico, quanto do G1, quase que de forma idêntica ao apresentado de forma narrada.

Infográfico 2: A Fragmentação da Notícia¹⁴

Atentado dos bolsonaristas golpistas se deu com invasão e vandalismo no Congresso Nacional

O esvaziamento do teto do Congresso só foi completado mais de três horas depois da invasão, com o uso de bombas de efeito moral pela tropa de choque da Polícia Militar do Distrito Federal.

Por Fantástico
08/01/2023 21h11 - Atualizado há um ano

ATAQUES GOLPISTAS

showdavida • Seguir

showdavida • Neste domingo, 8 de janeiro de 2023, a democracia constitucional do Brasil se viu sob ataque. E de uma forma inédita na nossa história.

A capital do país foi alvo de um ataque terrorista de apoiadores golpistas do ex-presidente Jair Bolsonaro.

84 sem

118.297 visualizações
8 de janeiro de 2023

Entrar para curtir ou comentar.

Recupera a pele enquanto você

Fantástico @showdavida

Neste domingo, a democracia constitucional do Brasil se viu sob ataque. E de uma forma inédita na nossa história. A capital do país foi alvo de um ataque terrorista de apoiadores golpistas do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Milhares deles chegaram a Brasília em ônibus, depois de uma convocação maciça em redes sociais.

O objetivo desses golpistas era gerar uma situação de caos que levasse a uma intervenção militar - num desrespeito flagrante à Constituição, aos Três Poderes da República e ao processo eleitoral que elegeu legitimamente Luiz Inácio Lula da Silva para o seu terceiro mandato presidencial.

¹⁴ A notícia usada na imagem está disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/01/08/atentado-dos-bolsonaristas-golpistas-se-deu-com-invasao-e-vandalismo-no-congresso-nacional.ghtml>. O post do Instagram, em: https://www.instagram.com/p/CnLEV25PO-_/, do Facebook em: <https://www.facebook.com/Fantastico/posts/1226589108214925/>, e o X/Twtter em: <https://x.com/showdavida/status/1612231897568153600>. Todos acessados no dia 24 de agosto de 2024.

Considerações Finais

Quando impossibilitado de usar a contemplação, conforme cita Benjamin, o cinema precisava de uma forma para chamar a atenção de um modo de exibição onde “mal o olho capta uma imagem, esta já cede lugar a outra e o olho jamais consegue se fixar” (p. 31) e usou então a estratégia de “chocar”, como forma de reter a audiência. O cinema, na época, era criticado por despertar paixões e precisar orientar seus esforços para dar emoções cautelosamente calculadas, pelos produtores, removendo o templo da contemplação da apreciação artística.

No lugar do cinema, como encontro da comunicação de massa, as redes sociais funcionam de maneira mais intensa e com maior velocidade, mas também na busca de angariar emoções, agora contabilizadas por meio de likes, compartilhamentos e comentários. Os comentários, ao contrário dos que viviam nos espaços dos portais de jornalismo, são ainda menos controlados ou relevantes já que pouco importam em seu conteúdo, sendo apenas uma métrica de engajamento.

O jornalismo sempre se identificou com a expressão “contador de história” ao mesmo tempo que se propõe a ser um observador neutro, se distanciando dos relatos pessoais inerentes aos vídeos das redes sociais. Navega na contramão da dinâmica da produção de conteúdo das redes e mesmo assim, está submetido e sendo moldado competindo por likes e curtidas, disputando atenção com influencers, perfis fakes, personalidades públicas e o público em geral. No caso do 8 de janeiro, como os fatos estavam se desenrolando, havia pouco espaço para adicionar informações complementares, já que os próprios acontecimentos precisavam ser contados, no entanto, para contar essa história, usou das informações distribuídas nas redes sociais para apoiar suas notícias. De certa forma, a reprodutibilidade da rede beneficiou a cobertura dos meios tradicionais.

O alcance da mensagem, no entanto, é duvidoso. Quando abandonam seus próprios sites e portais e viram conteúdos para redes sociais, os jornais deixam de ter o controle da audiência, da hierarquia das informações, do lucro ou “monetização” da sua produção e ainda consegue um alcance menor em comparação aos meios que controla. Nesse ambiente, onde os dados podem ser modelados, saber ou ter a capacidade de selecioná-los ou apresentá-los é uma vantagem. E esse poder tem trocado de mãos.

Em termos de mensagens, por sua estrutura, o virtual é ambiente adequado para uma linguagem que molda a realidade e por isso a disputa de narrativa é tão acirrada nesse ambiente. O jornalismo tem um desafio grande pela frente, principalmente com o avanço das mídias digitais e preferência delas para buscar informação.

Os acontecimentos no dia 8 de janeiro foram únicos na história do Brasil. Engajados pelas mídias sociais, potencializados por elas e transmitido também neste mesmo ambiente digital foi uma demonstração de como o virtual é bem real e faz parte da nossa cultura. A forma como nos informamos sobre esse fato poderia receber uma série de outras análises, uma vez que até hoje repercute nas mídias sociais e nos jornais tradicionais. Neste artigo, este fato foi apenas usado para criar uma coleção específica, de forma a filtrar as análises.

No caso do Grupo Globo, a empresa não ocupa de fato as redes sociais, usando o ambiente apenas para reproduzir informações de outras mídias replicando o conceito de McLuhan onde um meio quase sempre está “dentro” de outro meio, neste caso ainda mais fragmentado com o conceito de banco de dados que cria coleções de “linhas finas” nas legendas do Instagram. Há bons exemplos de jornalismo que se apropriaram das redes, seja para conquistar audiência, formar debates ou mesmo levantar recursos financeiros, mas os produtos analisados da Rede Globo, parecem se apoiar na autoridade construída pela marca na televisão e rádio para atrair audiência das redes sociais.

A internet trouxe possibilidades para o jornalismo, de ampliar vozes e plataformas, reduzindo desertos de notícias, mas ao se render ao passivamente às regras e normas das plataformas, passou a aceitar a trabalhar gratuitamente para as *big techs*. Nas palavras de McLuhan “já percebemos a futilidade que é mudar nossos objetivos quando mudamos nossas tecnologias” (1965, p. 15).

Referências bibliográficas

ADORNO, Teodor W. **Indústria cultural e sociedade/** Theodor W. Adorno; seleção de textos Jorge M. B. de Almeida - 16 ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CERQUEIRA, Ellen G.; OLIVEIRA, Danilo D. **Memes e capital social em sites de redes sociais.** 2012. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo não se divide em Opinião e Informação.** Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1176904/jornalismo-n%C3%A3o-se-divide-em-opini%C3%A3o-e-informa%C3%A7%C3%A3o>. s.d. Acesso em 19 de maio de 2024.

GUARDA, Rebeka Figueiredo da e OHLSON, Márcia Pinheiro e ROMANINI, Vinicius. **Disinformation, dystopia and post-reality in social media: a semiotic-cognitive perspective.** Education for Information, v. 34, n. 3, p. 185–197, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3233/EFI-180209>. Acesso em: 09 jun. 2023.

NERY, Carmen. **Em 2022, streaming estava presente em 43,4% dos domicílios com TV.** IBGE. 9 de novembro de 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38306-em-2022-streaming-estava-presente-em-43-4-dos-domicilios-com-tv> Acesso em 18 de maio de 2024.

Brasil tem mais de 2 dispositivos digitais por pessoa, diz FGV. Poder 360. 7 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-tem-mais-de-2-dispositivos-digitais-por-pessoa-diz-fgv/>. Acessado em 18 de maio de 2024.

MANOVICH, L. **Banco de Dados.** Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 7–26, 2015. DOI: 10.29146/eco-pos.v18i1.2366. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2366. Acesso em: 1 ago. 2024.

MCLUHAN, Marshall, **O meio é a Mensagem. In: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**, São Paulo. McGraw-Hill Book Company. 1964

PEIXOTO, E. S. . **Reflexões sobre a influência da tecnologia na vida atual a partir do livro A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica de Walter Benjamin**. Cadernos Walter Benjamin. , v. 16, p. 89-106, 2016.

Reuters Institute Digital News Report 2023. Reuters Institute. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital_News_Report_2023.pdf acesso em 17 de maio de 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** / Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2005. — (Coleção Questões fundamentais da comunicação: 5 / coordenação Valdir José de Castro)

THOMPSON, John B. **A nova visibilidade**. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 15–38, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190>.. Acesso em: 9 jun. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. Tradução de José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas.